

Quaresma

«Prestemos atenção uns aos outros,
para nos estimularmos ao amor e
às boas obras»

(Heb 10, 24)

Também hoje ressoa, com vigor, a voz do Senhor que chama cada um de nós a cuidar do outro. Também hoje Deus nos pede para sermos o «guarda» dos nossos irmãos (cf. Gn 4, 9), para estabelecermos relações caracterizadas por recíproca solicitude, pela atenção ao *bem* do outro e a *todo* o seu bem. O grande mandamento do amor ao próximo exige e incita a consciência a sentir-se responsável por quem, como eu, é criatura e filho de Deus: o facto de sermos irmãos em humanidade e, em muitos casos, também na fé deve levar-nos a ver no outro um verdadeiro *alter ego*, infinitamente amado pelo Senhor. Se cultivarmos este olhar de fraternidade, brotarão naturalmente do nosso coração a solidariedade, a justiça, bem como a misericórdia e a compaixão.

da mensagem de Bento XVI para a Quaresma 2012



Jérôme
Lejeune
a caminho
do altar

| página 13

Palavras leva-as o vento

PAI

Às vezes, para não dizer com imensa frequência, as palavras ditas voam e perdem-se rapidamente. E é pena. Se forem escritas, a probabilidade de ficarem é muito maior. Por isso, a escrita tem enormes vantagens sobre a palavra dita, não se opondo, contudo.

Por que o vento (ou os ventos?) que andam por aí a soprar, não só as palavras se podem perder, se podem cruzar baralhando-se, como correremos sério risco de o próprio sentido daquelas se esvaziar ou confundir. Assim, e por isso, decidi dar a esta minha colaboração, o título que já se leu: «Palavras leva-as o vento...»

... E para começar, irei contribuir para “assentar” algum conceito que anda p'rá aí um pouco perdido. Falo do que é ser Pai, até porque se avizinha o “Dia do Pai” que irá ser celebrado com muito ruído e, talvez, pouco conteúdo. E sem conteúdo a palavra (as palavras) têm sentido? Se há o livre arbítrio para lhe darmos o sentido que cada um quer, gera-se a confusão e perdemos a clareza na comunicação.

Não vou à etimologia da palavra Pai. Todos sabemos de onde vem e como evoluiu do latim para o português, deixando pelo meio a palavra padre (presbítero).

Pai, pela

natureza das coisas, da biologia essencialmente, é o Homem (macho) que colabora com a Mulher (fêmea) para a geração de um novo ser, o filho (não entro nestas “coisa” idiota ao máximo de dizer ou escrever o/a filho/filha!...). Portanto, o primeiro atributo é o ser co-autor, co-gerador, de um novo ser humano. Daqui derivam os outros atributos: acolher, educar, amar, preparar para o futuro o seu filho, “seu” que não significa proprietário, dono. Simples, apesar de muito especial e responsabilizante, tutor, orientador do hoje-do-filho para o futuro-do-filho.

Porque é co-gerador e especial orientador e ordenador do filho, para a adultez, o Pai (com a Mãe) é uma “peça” fundamental na Família para a educação dos filhos. Cada Pai é Pai porque tem filhos e, logicamente, que não há Pai sem filho (s). Desde o momento da concepção, em que o seu contributo, mínimo em tamanho mas enorme em consequência, vincula de tal modo o novo ser que este jamais se pode desfazer desse património paterno (e materno igualmente). Não se é Pai às vezes ou Pai só quando se quer ou pai a termo. É-se Pai para a eternidade. Todos temos a experiência própria ou próxima de Pais que já morreram e nunca se ouviu, ouve ou ouvirá alguém dizer o “meu ex-Pai”.

Até nas situações de abandono,

negligência, maus tratos ou outras que ferem a dignidade do seu pai, este permanece Pai, ainda que, para salvaguardar a integridade e dignidade do(s) filho(s) àquele tenha que ser retirado o exercício do serviço paternal e entregá-lo a quem o possa exercer. Por isso se criaram expressões como “Pai adoptivo”. Precisamos de qualificar este ministério já que ele, assim, não é, pelo direito natural, o normal. Um Pai é Pai sem mais adjectivos. E chega para percebermos totalmente o alcance da palavra e do conceito. Infelizmente, assistimos a uma guerra contra a própria natureza a que não podemos nem devemos ficar indiferentes. E o Pai é um Homem, um ser que precisa de uma Mulher, a Mãe, para a procriação. Por isso, não pode haver, a Biologia nega-o, dois pais ou duas mães, como geradores de uma criança. E se é assim (só a ignorância admite o contrário), a educação dos filhos não deverá dispensar a presença do Pai e da Mãe, ainda que não coabitem e vivam numa relação conflituosa.

No dia do Pai, que os ventos que sopram não destruam o que cada Pai é, deve ser e deve querer ser.

| Carlos Aguiar Gomes

Nesta edição:

Editorial	2
Estatuto Editorial e Ficha Técnica	3
A importância da defesa da vida humana	4
O Canto das Palavras	4
Mensagem de Bento XVI para a Quaresma	5
Onde há Deus, há futuro	9
Oração e Benção do Pai	10
Killing babies no different from abortion, experts say	12
Jérôme Lejeune	13

Estatuto Editorial

1. +VITA é um meio de comunicação social (revista) – do Instituto Internacional Familiaris Consortio (IIFC / IFCI), departamento internacional da Militia Sanctae Mariae.
2. +VITA é um serviço do Evangelho da Esperança nas causas da Vida e da Família
3. +VITA é um serviço internacional da Militia Sanctae Mariae que brevemente está disponível em formato de revista a ser vendida na Alemanha, Brasil, Espanha, França, Grã-Bretanha e Portugal. O 1º número sairá em Outubro.
4. +VITA vai procurar ser uma voz de promoção, defesa da Vida e da Família, tendo como forças inspiradoras, respectivamente, a encíclica Evangelium vitae e a carta-encíclica Familiaris Consortio.
5. +VITA será uma corrente de opinião em contra-corrente. Não abdicará, nunca, de propor o Evangelho da Esperança nas causas da Vida e da Família.
6. +VITA terá como padroeira Stª Joana Beretta Molla, médica e mãe de família.

-
1. +VITA c'est un moyen de communication social – revue bimensuel – de l'Institut International Familiaris Consortio.
 2. +VITA c'est un service de l'Evangile de l'Esperance dans les causes de la Vie et de la Famille.
 3. +VITA c'est un service international de la Militia Sanctae Mariae que dans peu de temps va être disponible sur la forme de revue pour être vendue en Allemagne, Brésil, Espagne, France, Grand-Bretagne et Portugal. Le 1er numéro sortira pendant le mois d'octobre.
 4. +VITA va essayer d'être une voix dans la promotion, deffense de la Vie et de la Famille, ayant comme source d'inspiration l'encyclique Evangelium Vitae.
 5. +VITA sera une courent d'opinion contre-courent. Jamais laissera, jamais, de proposes l'Evangile de l'Esperance dans les causes de la Vie et de la Famille.
 6. +VITA aura comme sa patronne Stª Jeanne Beretta Molla, médecin et mère de famille.

uma voz na defesa da
Vida Humana e da
Família

uma corrente de opinião
em contra-corrente

Oração a Santa Joana Beretta Molla

Nós te damos graças,
Senhor,
fonte de Vida e de Amor,
que nos deste Santa
Joana Beretta Molla
como modelo de mulher
e de mãe para estes
tempos em que nos é
dado viver.
À sua semelhança, fazei
com que todas as
mulheres descubram e
amem o ministério do
acolhimento à vida.
Abençoi, Senhor, todas
as mães, sobretudo
aquelas que esperam o
nascimento de um filho.
Que todas, ao serviço da
vida, tenham a coragem
e a força para educar os
filhos e fazê-los crescer
em graça e Sabedoria.
Ámem



Ficha Técnica:

Propriedade: Militia Sanctae Mariae
Director: Filipe Amorim
Periodicidade: Bimestral
E.mail: fides.msm@clix.pt
Telefone: 253 611 609
Morada: Rua de Guadalupe, n.º 73
4710-298 Braga

Bento XVI apelou à defesa da vida humana

No passado dia 05 de fevereiro de 2012, o Papa Bento XVI apelou à defesa da vida humana, “em todas as fases e condições da existência” afirmando que “a verdadeira juventude realiza-se no acolhimento, no amor e no serviço à vida.

Na catequese e saudações que pronunciou em várias línguas, o Papa antecipou a celebração do Dia Mundial do Doente, que se assinala a 11 de Fevereiro de cada ano, frisando que “as doenças são um sinal da ação do Mal no mundo” e que, nos Evangelhos, “a libertação das doenças e enfermidades constituiu, juntamente com a pregação, a principal atividade de Jesus”.

O santo Padre afirmou ainda que “continua a ser verdade que a doença é uma condição tipicamente humana, na qual experimentamos fortemente que não somos autossuficientes, mas temos necessidade dos outros”, e acrescentou, que a mesma “pode ser um momento salutar, paradoxalmente, no qual se pode experimentar a atenção dos outros”. Bento XVI admitiu, que a doença pode ser uma “prova” longa e que quando a cura não surge a existência “deprime-se e desumaniza-se”, como um “ataque do Mal”.

A resposta, precisou, passa pelos “tratamentos adequados” que os avanços “gigantes” da medicina proporcionam, mas sobretudo com “fé em Deus, na sua bondade”.

O Papa assinalou que essa fé é uma “atitude decisiva e de fundo” para enfrentar a doença, rezando em particular “pelas situações de maior sofrimento e abandono”.

“Façamos também nós como as pessoas do tempo de Jesus: espiritualmente, apresentemos-lhe todos os doentes, confiantes de que Ele pode e quer curá-los”, pediu.

O Canto das Palavras

Liberdade

O que se diz:

Um direito ilimitado de cada um decidir o como e o quando sobre a sua própria autonomização. Tudo é permitido excepto o que a lei proíbe e esta pode mudar-se ao sabor das correntes de pensamento dominantes ou da pressão de “lobbies”.

O que é:

A capacidade dada à Pessoa Humana de, com responsabilidade na maturidade, decidir entre o Bem e o Mal. O exercício da liberdade é uma força essencial, determinante e educável pela realização pessoal, familiar e social. O mau uso da liberdade pode acabar mesmo com a liberdade tornando-se autofágica e, por isso, destrutiva da Pessoa Humana. Para uma Pessoa Humana que se esforça por viver a liberdade e em liberdade, “nem tudo o que é legal é moral”.



... a importância da fé para superar sofrimento e doença

Mensagem de Sua Santidade Papa Bento XVI para a Quaresma de 2012

«*Prestemos atenção uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras*» (Heb 10, 24)

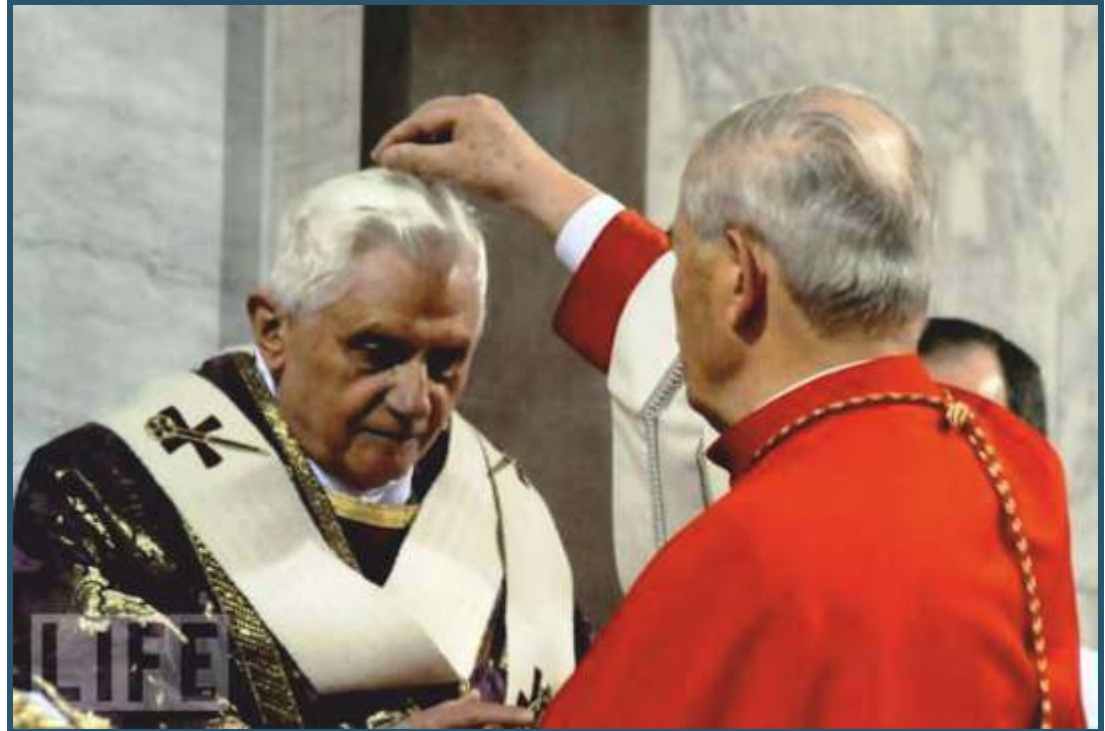
Irmãos e irmãs!

A Quaresma oferece-nos a oportunidade de reflectir mais uma vez sobre o cerne da vida cristã: o amor. Com efeito este é um tempo propício para renovarmos, com a ajuda da Palavra de Deus e dos Sacramentos, o nosso caminho pessoal e comunitário de fé. Trata-se de um percurso marcado pela oração e a partilha, pelo silêncio e o jejum, com a esperança de viver a alegria pascal.

Desejo, este ano, propor alguns pensamentos inspirados num breve texto bíblico tirado da *Carta aos Hebreus*: «Prestemos atenção uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras» (10, 24). Esta frase aparece inserida numa passagem onde o escritor sagrado exorta a ter confiança em Jesus Cristo como Sumo Sacerdote, que nos obteve o perdão e o acesso a Deus. O fruto do acolhimento de Cristo é uma vida edificada segundo as três virtudes teológicas: trata-se de nos aproximarmos do Senhor «com um coração sincero, com a plena segurança da fé» (v. 22), de conservarmos firmemente «a profissão da nossa esperança» (v. 23), numa solicitude constante por praticar, juntamente com os irmãos, «o amor e as boas obras» (v. 24). Na passagem em questão afirma-se também que é importante, para apoiar esta conduta evangélica, participar nos encontros litúrgicos e na oração da comunidade, com os olhos fixos na meta escatológica: a plena comunhão em Deus (v. 25). Detenho-me no versículo 24, que, em poucas palavras, oferece um ensinamento precioso e sempre actual sobre três aspectos da vida cristã: prestar atenção ao outro, a reciprocidade e a santidade pessoal.

1. «*Prestemos atenção*»: a responsabilidade pelo irmão.

O primeiro elemento é o convite a «prestar atenção»: o verbo grego usado é *katanoëin*, que significa observar bem, estar atento, olhar conscienciosamente, dar-se conta de uma



realidade. Encontramo-lo no Evangelho, quando Jesus convida os discípulos a «observar» as aves do céu, que não se preocupam com o alimento e todavia são objecto de solícita e cuidadosa Providência divina (cf. *Lc* 12, 24), e a «dar-se conta» da trave que têm na própria vista antes de reparar no argueiro que está na vista do irmão (cf. *Lc* 6, 41). Encontramos o referido verbo também noutro trecho da mesma *Carta aos Hebreus*, quando convida a «considerar Jesus» (3, 1) como o Apóstolo e o Sumo Sacerdote da nossa fé. Por conseguinte o verbo, que aparece na abertura da nossa exortação, convida a fixar o olhar no outro, a começar por Jesus, e a estar atentos uns aos outros, a não se mostrar alheio e indiferente ao destino dos irmãos. Mas, com frequência, prevalece a atitude contrária: a indiferença, o desinteresse, que nascem do egoísmo, mascarado por uma aparência de respeito pela «esfera privada». Também hoje ressoa, com vigor, a voz do Senhor que chama cada um de nós a cuidar do outro. Também hoje Deus nos pede para sermos o «guarda» dos nossos irmãos (cf. *Gn* 4, 9), para estabelecermos relações caracterizadas por recíproca solicitude, pela atenção ao bem do outro e a *todo* o seu bem. O grande mandamento do amor ao próximo exige e incita a consciência a sentir-se

responsável por quem, como eu, é criatura e filho de Deus: o facto de sermos irmãos em humanidade e, em muitos casos, também na fé deve levar-nos a ver no outro um verdadeiro *alter ego*, infinitamente amado pelo Senhor. Se cultivarmos este olhar de fraternidade, brotarão naturalmente do nosso coração a solidariedade, a justiça, bem como a misericórdia e a compaixão. O Servo de Deus Paulo VI afirmava que o mundo actual sofre sobretudo de falta de fraternidade: «O mundo está doente. O seu mal reside mais na crise de fraternidade entre os homens e entre os povos, do que na esterilização ou no monopólio, que alguns fazem, dos recursos do universo» (Carta enc. *Populorum progressio*, 66).

A atenção ao outro inclui que se deseje, para ele ou para ela, o bem sob todos os seus aspectos: físico, moral e espiritual. Parece que a cultura contemporânea perdeu o sentido do bem e do mal, sendo necessário reafirmar com vigor que o bem existe e vence, porque Deus é «bom e faz o bem» (Sal 119/118, 68). O bem é aquilo que suscita, protege e promove a vida, a fraternidade e a comunhão. Assim a responsabilidade pelo próximo significa querer e favorecer o bem do outro, desejando que também ele se abra à lógica do bem; interessar-se pelo irmão quer dizer abrir os olhos às suas necessidades. A

Sagrada Escritura adverte contra o perigo de ter o coração endurecido por uma espécie de «anestesia espiritual», que nos

torna cegos aos sofrimentos alheios.

O evangelista Lucas narra duas parábolas de Jesus, nas quais são indicados dois exemplos desta situação que se pode criar no coração do homem. Na parábola do bom Samaritano, o sacerdote e o levita, com indiferença, «passam ao largo» do homem assaltado e espancado pelos salteadores (cf. Lc 10, 30-32), e, na do rico avarento, um homem saciado de bens não se dá conta da condição do pobre Lázaro que morre de fome à sua porta (cf. Lc 16, 19). Em ambos os casos, deparamo-nos com o contrário de «prestar atenção», de olhar com amor e compaixão. O que é que impede este olhar feito de humanidade e de carinho pelo irmão? Com frequência, é a riqueza material e a saciedade, mas pode ser também o antepor a tudo os nossos

interesses e preocupações próprias. Sempre devemos ser capazes de «ter misericórdia» por quem sofre; o nosso coração nunca deve estar tão absorvido pelas nossas coisas e problemas que fique surdo ao brado do pobre.

Diversamente, a humildade de coração e a experiência pessoal do sofrimento podem, precisamente, revelar-se fonte de um despertar interior para a compaixão e a empatia: «O justo conhece a causa dos pobres, porém o ímpio não o compreende» (Prov 29, 7). Deste modo entende-se a bem-aventurança «dos que choram» (Mt 5, 4), isto é, de quantos são capazes de sair de si mesmos porque se comoveram com o sofrimento alheio. O encontro com o outro e a abertura do coração às suas necessidades são ocasião de salvação e de bem-aventurança.

O facto de «prestar atenção» ao irmão inclui, igualmente, a solicitude pelo seu bem espiritual. E aqui desejo recordar um aspecto da vida cristã que me parece esquecido: a *correção fraterna, tendo em vista a salvação eterna*. De forma geral, hoje é-se muito sensível ao tema do cuidado e do amor que visa o bem físico e material dos outros, mas quase não se fala da responsabilidade espiritual pelos irmãos. Na Igreja dos primeiros tempos não era assim, como não o é nas comunidades verdadeiramente maduras na fé, nas quais se tem a peito não só a saúde corporal do irmão, mas também a da sua alma tendo em vista o seu destino derradeiro. Lemos na

Sagrada Escritura: «Repreende o sábio e ele te amará. Dá conselhos ao sábio e ele tornar-se-á ainda mais sábio, ensina o justo e ele aumentará o seu saber» (Prov 9, 8-9).

O próprio Cristo manda repreender o irmão que cometeu um pecado (cf. Mt 18, 15). O verbo usado para exprimir a correção fraterna – *elenchein* – é o mesmo que indica a missão profética, própria dos cristãos, de denunciar uma

geração que se faz condescendente com o

mal (cf. Ef 5, 11). A tradição da Igreja enumera entre as obras espirituais de misericórdia a de «corrigir os que erram». É importante recuperar esta dimensão do amor cristão. Não devemos ficar calados



diante do mal. Penso aqui na atitude daqueles cristãos que preferem, por respeito humano ou mera comodidade, adequar-se à mentalidade comum em vez de alertar os próprios irmãos contra modos de pensar e agir que contradizem a verdade e não seguem o caminho do bem. Entretanto a advertência cristã nunca há-de ser animada por espírito de condenação ou censura; é sempre movida pelo amor e a misericórdia e brota duma verdadeira solicitude pelo bem do irmão. Diz o apóstolo Paulo: «Se porventura um homem for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi essa pessoa com espírito de mansidão, e tu olha para ti próprio, não estejas também tu a ser tentado» (Gl 6, 1). Neste nosso mundo impregnado de individualismo, é necessário redescobrir a importância da correcção fraterna, para caminharmos juntos para a santidade. É que «sete vezes cai o justo» (Prov 24, 16) – diz a Escritura –, e todos nós somos frágeis e imperfeitos (cf. 1 Jo 1, 8). Por isso, é um grande serviço ajudar, e deixar-se ajudar, a ler com verdade dentro de si mesmo, para melhorar a própria vida e seguir mais rectamente o caminho do Senhor. Há sempre necessidade de um olhar que ama e corrige, que conhece e reconhece, que discerne e perdoa (cf. Lc 22, 61), como fez, e faz, Deus com cada um de nós.

2. «Uns aos outros»: o dom da reciprocidade.

O facto de sermos o «guarda» dos outros contrasta com uma mentalidade que, reduzindo a vida unicamente à dimensão terrena, deixa de a considerar na sua perspectiva escatológica e aceita qualquer opção moral em nome da liberdade individual. Uma sociedade como a actual pode tornar-se surda quer aos sofrimentos físicos, quer às exigências espirituais e morais da vida. Não deve ser assim na comunidade cristã! O apóstolo Paulo convida a procurar o que «leva à paz e à edificação mútua» (Rm 14, 19), favorecendo o «próximo no bem, em ordem à construção da comunidade» (Rm 15, 2), sem buscar «o próprio interesse, mas o do maior número, a fim de que eles sejam salvos» (1 Cor 10, 33). Esta recíproca correcção e exortação, em espírito de humildade e de amor, deve fazer parte da vida da comunidade cristã.

Os discípulos do Senhor, unidos a Cristo através da Eucaristia, vivem numa comunhão que os liga uns aos outros como membros de um só corpo. Isto significa que o outro me pertence: a sua vida, a sua salvação têm a ver com a minha vida e a minha salvação. Tocamos aqui um elemento muito profundo da comunhão: a nossa existência está ligada com a dos outros, quer no bem quer no mal; tanto o pecado como as obras de amor possuem também uma dimensão social. Na Igreja, corpo místico de Cristo, verifica-se esta reciprocidade: a comunidade não cessa de fazer penitência e implorar perdão para os pecados dos seus filhos, mas alegra-se contínua e jubilosamente também com os testemunhos de virtude e de amor que nela se manifestam. Que «os membros tenham a mesma solicitude uns para com os outros» (1 Cor 12, 25) – afirma São Paulo –, porque somos um e o mesmo corpo. O amor pelos irmãos, do qual é

expressão a esmola – típica prática quaresmal, juntamente com a oração e o jejum – radica-se nesta pertença comum. Também com a preocupação concreta pelos mais pobres, pode cada cristão expressar a sua participação no único corpo que é a Igreja. E é também atenção aos outros na reciprocidade saber reconhecer o bem que o Senhor faz neles e agradecer com eles pelos prodígios da graça que Deus, bom e onipotente, continua a realizar nos seus filhos. Quando um cristão vislumbra no outro a acção do Espírito Santo, não pode deixar de se alegrar e dar glória ao Pai celeste (cf. Mt 5, 16).

3. «Para nos estimularmos ao amor e às boas obras»: caminhar juntos na santidade.

Esta afirmação da *Carta aos Hebreus* (10, 24) impele-nos a considerar a vocação universal à santidade como o caminho constante na vida espiritual, a aspirar aos carismas mais elevados e a um amor cada vez mais alto e fecundo (cf. 1 Cor 12, 31 – 13, 13). A atenção recíproca tem como finalidade estimular-se, mutuamente, a um amor efectivo sempre maior, «como a luz da aurora, que cresce até ao romper do dia» (Prov 4, 18), à espera de viver o dia sem ocaso em Deus. O tempo, que nos é concedido na nossa vida, é precioso para descobrir e realizar as boas obras, no amor de Deus. Assim a própria Igreja cresce e se desenvolve para chegar à plena maturidade de Cristo (cf. Ef 4, 13). É nesta perspectiva dinâmica de crescimento que se situa a nossa exortação a estimular-nos reciprocamente para chegar à plenitude do amor e das boas obras.

Infelizmente, está sempre presente a tentação da tibieza, de sufocar o Espírito, da recusa de «pôr a render os talentos» que nos foram dados para bem nosso e dos outros (cf. Mt 25, 24-28). Todos recebemos riquezas espirituais ou materiais úteis para a realização do plano divino, para o bem da Igreja e para a nossa salvação pessoal (cf. Lc 12, 21; 1 Tm 6, 18). Os mestres espirituais lembram que, na vida de fé, quem não avança, recua. Queridos irmãos e irmãs, acolhamos o convite, sempre actual, para tendermos à «medida alta da vida cristã» (João Paulo II, Carta ap. [Novo millennio ineunte](#), 31). A Igreja, na sua sabedoria, ao reconhecer e proclamar a bem-aventurança e a santidade de alguns cristãos exemplares, tem como finalidade também suscitar o desejo de imitar as suas virtudes. São Paulo exorta: «Adiantai-vos uns aos outros na mútua estima» (Rm 12, 10). Que todos, à vista de um mundo que exige dos cristãos um renovado testemunho de amor e fidelidade ao Senhor, sintam a urgência de esforçar-se por adiantar no amor, no serviço e nas obras boas (cf. Heb 6, 10). Este apelo ressoa particularmente forte neste tempo santo de preparação para a Páscoa. Com votos de uma Quaresma santa e fecunda, confio-vos à intercessão da Bem-aventurada Virgem Maria e, de coração, concedo a todos a Bênção Apostólica.

Vaticano, 3 de Novembro de 2011
BENEDICTUS PP. XVI

O que é *Deus*?

Ele é ao mesmo tempo comprimento, largura, altura e profundidade...
Esse comprimento, o que é ele? A eternidade, pois ela é tão longa que não tem limites
seja quanto ao lugar, seja quanto ao tempo. É Deus também largura? E essa largura, que
é ela senão a caridade que se estende até o infinito? Deus é altura e profundidade; e
por essa altura deveis entender seu poder; e por profundeza, sua sabedoria. Ó sabedoria
cheia de poder que chega a todos os recantos com força. Ó poder cheio de sabedoria
que tudo dispõe com doçura.

Onde há Deus, há futuro

Nesta ocasião, eu quis expor o fundamento do direito e do livre estado do direito, isto é, a medida de todo direito, inscrito pelo Criador no próprio ser da sua criação. É necessário ampliar o nosso conceito de natureza, compreendendo-a não somente como um conjunto de funções, mas sim muito além disso, como uma linguagem do Criador para ajudar-nos a discernir o bem e o mal. Sucessivamente, teve lugar o encontro com alguns representantes da comunidade judaica da Alemanha. Recordando nossas raízes comuns na fé do Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, destacamos os frutos obtidos pelo diálogo entre a Igreja Católica e o Judaísmo na Alemanha.

«Onde há Deus, há futuro»! Nos vários encontros e colóquios, nas celebrações em geral, mas particularmente na Eucaristia com o povo de Deus, era possível ver de novo como é Deus que dá à nossa vida o sentido mais profundo, a verdadeira plenitude; mais ainda, que só Deus dá a todos nós um futuro. Assim, no Parlamento federal, recordei que a democracia e a liberdade nada têm a temer de Deus, princípio de todo o bem; antes, está n'Ele o suporte fundamental para uma estável convivência dos homens na paz e na justiça. Por isso, quantos crêem em Deus – e, por maior força de razão, todos os cristãos – devem unir as suas forças na única tarefa verdadeiramente urgente e necessária: dar Deus ao mundo de hoje, que, frequentemente, O ignora ou se desinteressa d'Ele. É que não há futuro sem Deus!

Oração e bênção do Pai

V: Deus, vinde em nosso auxílio.

R: Senhor, socorrei-nos e salvai-nos.

V: Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo.

R: Como era no princípio, agora e sempre.

Amen.

(Se esta oração e bênção ocorrerem fora da Missa poderá ler-se Lc 15,1132, seguida de um curto comentário)

Celebrante: Vimos hoje a ti, Senhor, nosso Pai, pedir que abençoes estes pais. Estendei sobre eles as Vossas santíssimas mãos.

Abençoei Senhor, os Pais amigos e disponíveis. Os Pais sempre presentes, que dão colo e afago. Também os Pais ausentes colocando no seu coração o Teu amor e o amor dos seus filhos.

Abençoei-os Senhor!

(O Celebrante asperge os Pais presentes com a água benta)

Abençoei Senhor os Pais que abraçam e beijam os seus filhos, os escutam, com eles se alegram e com estes partilham as suas tristezas.

Consolai, Senhor, os Pais com filhos extraviados ou ausentes, enxuga-lhes as lágrimas da dor com o Teu divino manto.

Abençoei-os Senhor!

(O Celebrante asperge os Pais presentes com a água benta)

Abençoei Senhor todos os Pais e concedei-lhes os dons da paciência, da compreensão, da ternura, do amor firme, da tranquilidade, da disponibilidade e da justiça.

Concedei a todos os Pais o dom do amor e o dom da Vida, a capacidade de acolher os filhos que Deus lhes der, desde o momento da concepção, e a disponibilidade para os educar no respeito por todos os homens, particularmente dos mais vulneráveis.

Abençoei-os Senhor!

(O Celebrante asperge os Pais presentes com a água benta)

Abençoei Senhor os Pais aqui presentes que perderam um filho. Concedei-lhes, Senhor, a compreensão que a vida não acaba, mas apenas se transforma e que o filho que partiu, apenas mudou de lugar e que aí continua presente na comunhão dos santos.

Abençoei-os Senhor!

(O Celebrante asperge os Pais presentes com a água benta)

Oração

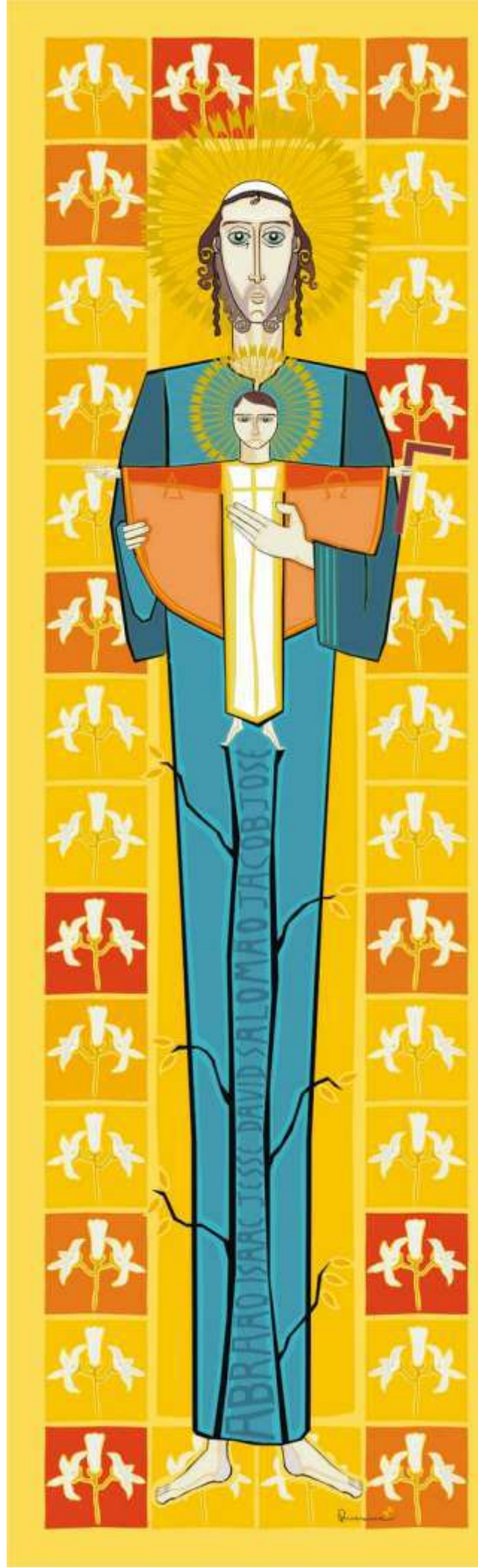
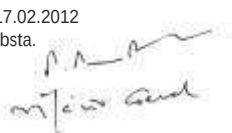
Abençoei, Senhor nosso Deus, todos os Pais, iluminai o seu caminho e ajudai-os na educação dos filhos e fazei-os crescer no Amor.

Desça sobre estes Pais a bênção de Deus Pai + Filho + Espírito Santo.

Todos: Amen

Vamos em paz e que o Senhor Deus, Pai de misericórdia, nos acompanhe.

Todos: Amen



“A verdadeira juventude realiza-se no acolhimento, no amor e no serviço à vida”

Bento XVI, Oração do Angelus, 05 de fevereiro de 2012



MILITIA SANTÆ MARIÆ
CAVALEIROS DE NOSSA SENHORA

Killing babies no different from abortion, experts say

FROM: www.mercatornet.com

Thus ran the UK Telegraph headline for March 4. However, it was MercatorNet's own esteemed editor, Michael Cook, who launched the shocking proposal of a couple of ethicists into the blogosphere with posts in BioEdge (Feb. 25) and MercatorNet (Feb. 28).

"Killing babies is no different from abortion." Never were truer words spoken: groups seeking legal protection for prenatal life have been saying it (though with syntax reversed) for decades. The really scary part is that now "experts" are using the argument, not to curb or stop abortion, but to normalize infanticide.

Parents should be allowed to have their newborn babies killed because they are "morally irrelevant" and ending their lives is no different to abortion, a group of medical ethicists linked to Oxford University has argued.

I am at a loss to explain why Oxford-linked medical ethicists are any more "morally relevant" than the average newborn baby. My motto is: 'Every ethicist a wanted ethicist,' and with ethicists like this, who needs Nazis? But very much like our former fascist foes, these fellows believe that if you repeat a lie often enough, the gullible will buy it.

The article, published in the Journal of Medical Ethics, says newborn babies are not "actual persons" and do not have a "moral right to life". The academics also argue that parents should be able to have their baby killed if it turns out to be disabled when it is born.

Oh, the "disabled"—every enlightened person agrees by now that the

disabled (we won't call them 'people' for obvious reasons) have no quality of life. Eliminating the disabled gives the argument a veneer of post-modern respectability (if you're into eugenics), but this article goes further: it claims simply that "newborns"—all newborns—are not actual persons, so why stop at eliminating the disabled?

The journal article's authors make it clear that their argument is not based on eugenics, but a chilling (and flawless) logic:

However, they did not argue that some baby killings were more

justifiable than others – their fundamental point was that, morally, there was no difference to abortion as already practised.

They preferred to use the phrase "after-birth abortion" rather than "infanticide" to "emphasise that the moral status of the individual killed is comparable with that of a fetus".

An unborn child is a non-person with non-rights. Been there,

done that, argues every civilized western nation.

So what constitutes personhood, you may ask? The morally-relevant Oxford-linked ethicists have an answer:

"We take 'person' to mean an individual who is capable of attributing to her own existence some (at least) basic value such that being deprived of this existence represents a loss to her."

There's a significant percentage of the adult population walking around right now that could not tell you (on first reading) what that sentence even means—including me, before I've had my morning coffee. Does that make us insufficiently cogent to merit existence? And isn't it

horridly ironic that the authors chose to use female pronouns for their 'personhood' definition, what with the whole (female) gendercide thing running rampant in some parts of the globe?

I ask again: why stop at eliminating disabled newborns? Or female newborns? Or insufficiently philosophically self-aware newborns? The answer is, they won't. But who gets to decide which of us are not smart enough, productive enough, healthy enough, strong enough, pretty enough, tall enough, politically-correct enough to deserve life? Something akin to the [fabled](#) hundreds of Inuit words for snow, we in the enlightened west now have innumerable terms for the murder of the vulnerable and the unwanted: after-birth abortion, euthanasia, assisted suicide, death with dignity, compassionate exit, ethnic cleansing, family balancing, pregnancy termination. Will advanced societies soon add one more? Perhaps "Termination of Ordinary Underlings for the Callous Hubris of the Elite" (TOUCHE for short)?

And I'll ask it one more time: who gets to decide? As pundits and bloggers on life issues often say: is that slope slippery enough for you yet?



Jérôme Lejeune

June 13, 1926 - April 4, 1994

www.fondationlejeune.org

O Professor Jérôme Lejeune nasceu em 1926, na cidade de Montrouge, França.

Cresceu no seio de uma família muito unida. Manifestou uma constante veneração pela sua família e em particular por seus pais, que permitiram que cada filho realizasse os seus talentos com toda liberdade. "A Minha família foi a maior recompensa recebida em toda a minha vida", dizia Lejeune.

Durante os seus estudos, o seu pai sempre o orientou, não no sentido de armazenar conhecimentos enciclopédicos, mas de forma a desenvolver as suas capacidades intelectuais pelo exercício das mesmas. Nessa perspectiva, a sua formação humanística foi muito grande. Ele consagrou-se particularmente aos estudos de latim, grego, religião, filosofia, literatura, matemática e geometria, tendo concluído os seus estudos secundários em 1946. Tal como a sua geração, teve a adolescência marcada pela guerra.

Começou seus estudos de medicina, desejando ser um médico de zona rural. Isso determina, durante certo tempo, as suas escolhas de estágios de formação. Mas, rapidamente, ele se interessou pelo enigma do mongolismo e manifestou a sua vontade de trabalhar sobre os mecanismos e a caracterização dessa doença, em cujos segredos ele desejava penetrar, como explicou, em 1951, ao Dr. Lucien Israel, um colega médico que com ele cumpria o serviço militar no Pelotão de Oficiais da Reserva para os Serviços de Saúde. Ao aprofundar seus estudos de genética, o Professor Lejeune pretendia alcançar o objectivo da sua carreira: aliviar o sofrimento, tratando - e curando - na medida do possível, fiel ao juramento de Hipócrates.

Apresentamos de seguida, um resumo das principais etapas de sua carreira como investigador:

· Em 1952, dedica-se à pesquisa científica, como estagiário no Centro Nacional de Pesquisas Científicas da França (CNRS) tendo chegado ao

cargo de Director de Pesquisas do CNRS.

· Em 1953, descreve as anomalias palmares nos portadores da síndrome de Down. Estas pesquisas acabam por levá-lo a descrever a primeira doença genética conhecida.

· Em Agosto de 1958, de férias com a sua família na Dinamarca, publica num jornal local, fotos de cromossomas, obtidas no seu laboratório em França. Em Setembro desse mesmo ano, na Universidade de S. Gill, de Montreal, Canadá, expõe a sua hipótese do determinismo cromossômico da síndrome de Down. Em Dezembro, estuda os cromossomas de três meninos "mongolóides", e confirma a sua hipótese. Ainda neste ano de 1958, é chamado para ensinar genética humana, como professor convidado da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos.

· Em Janeiro de 1959, juntamente com dois colegas: Marthe Gauthier e Raymond Turpin, publica os resultados das suas investigações na revista da Academia de Ciências da França, estabelecendo-se pela primeira vez uma relação entre um estado de deficiência mental e uma alteração cromossômica.

· Em 1960, usa os resultados desses trabalhos de pesquisa para o seu doutoramento (Doctorat es Sciences).

· Em 1961, um grupo constituído por 19 investigadores, publica um artigo, no The Lancet, propondo a substituição do termo mongolismo por Trissomia 21. Lejeune mantém o termo trissomia 21, para colocar em evidência, que a doença é causada por um acidente genético, do qual os pais não têm qualquer responsabilidade.

· Em 1963, demonstra perante a Academia de Ciências da França, que a falta de um determinado segmento do genoma (monossomia) poderia determinar uma doença clinicamente identificável. Passa a ser reconhecido como um dos fundadores da citogenética humana.

· Em 1964 a descoberta da trissomia 21 abre-lhe as portas da Faculdade de Medicina de Paris onde passa a ser professor de genética

humana e a dirigir pesquisas em citogenética e patologia cromossômica humana.

· As pesquisas do professor Lejeune não se limitam a trissomia 21. Ele descobre, em 1964, que uma enfermidade conhecida como "Miado do Gato" resultava da falta de um segmento no cromossoma 5.

· Em 1966, identificou a síndrome do cromossoma 18 q - e descobriu o fenótipo Dr, síndrome de malformação ligada ao cromossomo 13. O Dr. Lejeune e sua equipa identificam, ainda, diversas outras trissomias (a do 9 em 1970 e a do 8 em 1971).

Todos estes resultados inspiraram e ainda inspiram uma série de terapias, no campo das multivitaminas e da medicina ortomolecular, já existentes e ainda em desenvolvimento actualmente.

Apesar de ser uma doença genética, o Professor Lejeune nunca desistiu da ideia de encontrar uma cura para a doença, uma forma de "desactivar" ou "desligar" o cromossoma supranumerário. "Pouco importa que seja eu ou outro que descubra como curar os trissómicos. O importante é encontrar a cura o mais rápido possível. (...) Colocar ao serviço dos pacientes os progressos técnicos de cada dia é certamente uma das tarefas mais difíceis da pesquisa médica, mas ela é ao mesmo tempo sua nobreza e sua única razão de ser", lembrava sempre o Dr. Lejeune.

Ele pesquisou ainda sobre a problemática do Cancro, já que a leucemia aguda atinge vinte vezes mais as crianças portadoras da trissomia 21. Várias relações inéditas entre as células constitucionais e as neoplásicas foram identificadas pelo Dr. Lejeune. Nos últimos dias de sua vida, no leito de hospital, ele insistia em se reunir e discutir com os seus colegas alguns eixos de pesquisa sobre os mecanismos de aparecimento das células neoplásicas e sobre determinismos, que ligam a vulnerabilidade ao cancro ao funcionamento do sistema nervoso.

O Professor Jérôme Lejeune faleceu no dia 3 de Abril de 1994. O Papa João Paulo II recolheu-se ao túmulo de Lejeune em Châlo-Saint-Mars, em Paris, no dia 22 de Agosto de 1997, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude.

O processo para a beatificação do Professor Lejeune foi aberto em 28 de Junho de 2007, e tem como postulador da causa o Padre Jean-Charles Nault, prior da Abadia beneditina de Saint-Wandrille. Este processo será encerrado no próximo dia 11 de Abril de 2012.

"No princípio do ser há uma mensagem, essa mensagem contém a vida e essa mensagem é uma vida humana".

Jérôme
Lejeune

Doctor and Researcher

A clear calling

Family was enormously important to Jérôme Lejeune, first as a son and brother and later as a husband and father.

Jérôme's mother was a musician, and his father ran a small family business. They raised their three sons in the Catholic faith. Jérôme was their middle child, born 18 months after Philippe and six years before Rémy.

After studying at Stanislas middle school in Paris, Jérôme identified his calling very quickly. One frequently cited influence is his maternal grandfather, a veterinarian who sometimes took the young Jérôme on his rounds, allowing him to observe some of his surgeries and—perhaps without realizing it—guiding him and developing his ability to observe and experiment.

Another possible influence was Jérôme's reading of the classics, Rabelais and especially Balzac's *The Country Doctor*, which he loved. When he began studying medicine, he planned to practice in the country.

But Jérôme's plans changed radically during a pediatrics internship, when he met Dr. Raymond Turpin, the man who would become his teacher and mentor. Jérôme's contact with children then described as "mongoloid" inspired him to fight their disease.

During his required military service, Jérôme formed lasting friendships, meeting Jean de Grouchy at an Army barracks in Paris and Lucien Israël in 1951, while serving with other reserve officers in the French Medical Service. Both de Grouchy and Israël recall Lejeune's fascination with the enigma of Down syndrome and his commitment to working on the mechanisms and characterization of the disease, whose secrets he already hoped to uncover.

Médecin et chercheur

Naissance d'une vocation

La famille, celle dans laquelle il est né comme celle qu'il a fondée, a tenu une grande place dans la vie de Jérôme Lejeune.

Jérôme naît et grandit dans une famille de trois garçons. Sa mère est musicienne. Son père dirige une petite entreprise familiale. Elevé dans la foi catholique, Jérôme grandit entre ses deux frères, Philippe de 18 mois son aîné et Rémy, son cadet de six ans.

Après des études au collège Stanislas, sa vocation se dessine très rapidement. Comment cette vocation est-elle née ? On évoque souvent son grand-père maternel, vétérinaire, qu'il accompagnait lors de certaines de ses tournées. Ce grand-père lui a laissé observer quelques interventions chirurgicales et peut-être inconsciemment guidé et développé en lui des qualités d'observation et d'expérimentation.

On évoque aussi la lecture des classiques, Rabelais et surtout Le médecin de campagne de Balzac pour lequel il s'est passionné. Quand il entreprend ses études de médecine, son idée était d'exercer de cette façon, comme médecin de campagne.

Mais un stage en pédiatrie bouleverse ses projets : c'est là qu'il rencontre celui qui allait devenir son maître, le Professeur Raymond Turpin. Le contact avec des enfants alors appelés « mongoliens » éveille en lui le désir de lutter contre le mal qui les atteint.

Feto de 17 semanas já experimenta sentimentos



Foto: INS News Agency

No passado mês de Outubro de 2011, um grupo de investigadores da Grã-Bretanha demonstrou com uma exploração 4-D, que um feto de 17 semanas de gestação pode experimentar sentimentos como a felicidade e a dor.

O professor Stuart Campbell afirmou que da análise das imagens recolhidas na ecografia, um bebé de 17 semanas de gestação revela sentimentos.

Entretanto, o professor Eric Jauniaux, do University College, disse que nesta etapa o feto não pode demonstrar sentimentos porque ainda está em um período de inconsciência. Disse que "a evidência da dor e o sentimento se percebe em 24 ou 28 semanas. Às 17 semanas, a conexão entre o cérebro e o resto do corpo tende a ser limitada".

Entretanto, Campbell assinalou que o observado na imagem se converte em uma expressão de alegria e humanidade. "Pude ser capaz de apreciar um feto chorando por volta da 18 ou 19 semana, mas até agora nada como um sorriso agradável. Esta é a primeira perseverança. É incrível", expressou.

Embora o professor seja perito em temas ginecológicos e obstetras, disse que não sabia o que causou o sorriso, e o atribuiu a uma sequência que inclui o bocejo, alguns movimentos respiratórios e a abertura de suas pálpebras.

Cientistas conseguem comunicar-se com pacientes em suposto "estado vegetativo"

Uma investigação do Centro para o Cérebro e a Mente da Universidade de Ontário Ocidental no Canadá mostrou que os pacientes que parecem estar em um estado de inconsciência permanente ou mal chamado "estado vegetativo" têm consciência e podem entender o que se diz ou acontece ao seu redor.

O usualmente chamado "estado vegetativo" é um transtorno no qual se acredita que a pessoa –vítima de uma lesão cerebral severa ou que esteve em coma–, permanece em estado de inconsciência; algo que foi posto em dúvida com os resultados desta investigação publicada na revista The Lancet e reproduzida pela BBC Mundo.

Um aparelho portátil de eletro encefalograma (EEG) foi a ferramenta usada para comunicar com pacientes que acreditavam estar em estado de inconsciência.

"O aparelho conseguiu detectar consciência e medir atividade elétrica cerebral nestes indivíduos, o que revela que os pacientes eram capazes de entender o que se lhes dizia e seguir uma instrução para ter pensamentos determinados".

O estudo envolveu 16 pacientes no Hospital Addenbrooke em Cambridge (Inglaterra) e no Hospital Universitário de Lyege (Bélgica), aos quais foi pedido que imaginassem que moviam os dedos dos pés ou apertavam a mão direita.

Três dos 16 pacientes geraram repetidamente atividade elétrica cerebral em resposta às duas instruções diferentes, apesar de que condutualmente não mostraram nenhuma resposta.

"Muitas áreas do cérebro que se ativam quando realiza um movimento também se ativam quando se imagina que o estão realizar", explicou Adrian Owen, autor do estudo.

"Sabemos que estes três pacientes estavam conscientes porque foram capazes de responder repetidamente às instruções que lhes demos". "Um deles fez mais de 100 vezes", indicou.

Podemos encontrar Jesus em qualquer lugar...

Jesus tomou consigo. Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, conduziu-os ao alto dum monte e transfigurou-se diante deles.

Mc 9,2-9





Respeite, Defenda, Ame, Sirva...
A Vida Humana,
Cada Vida Humana

Contacte-nos e ponha-nos as suas dúvidas para:

Militia Sanctae Mariae - Portugal
Rua de Guadalupe nº 73 4710-298 Braga (Portugal)
E-mail: fides.msm@clix.pt
Telefone: 253 611 609
www.msm-portugal.org | www.novaetvetera.org



MILITIA SANTÆ MARIÆ
CAVALEIROS DE NOSSA SENHORA